Não Abotoe o Casaco Ainda

A partida dele não precisa ser o fim da história dos dois



Laura Bellini

Não Abotoe o Casaco Ainda

A partida dele não precisa ser o fim da história dos dois

Laura Bellini

ROMANS

ISBN: 9788384904473

ALL-IN Rafał Płonkowski



ÍNDICE

INTRO 4
Capítulo 1 - A imagem que não constava no catálogo 10
Capítulo 2 - As condições da colaboração..... 20
Capítulo 3 - Entre a Luz e a Sombra..... 33
Capítulo 4 - Fora do Enquadramento 45
Capítulo 5 - O Direito ao Próprio Tempo 60
Capítulo 6 - Um Momento que Não Podia Ser Planejado 70
Capítulo 7 - O Que Fica Depois do Beijo 81
Capítulo 8 - No Mundo Dele 91
Capítulo 9 - O Risco de uma Imagem Compartilhada.....104
Capítulo 10 - Não Apenas por um Momento..... 121
Capítulo 11 - As Coisas que Não Dizemos em Voz Alta.....134
Capítulo 12 - Um Prazo que Não Pode Ser Adiado..... 144
Capítulo 13 - O Preço das Próprias Escolhas 155
Capítulo 14 - Aquilo que Temos Medo de Perder.....169
Capítulo 15 - Uma Decisão Tomada pelos Dois.....184
Capítulo 16 - A Distância Começa Antes da Partida 195
Capítulo 17 - Quando Cada Um Precisa Escolher a Si Mesmo 206
Capítulo 18 - Um Lugar para Voltar 216
Capítulo 19 - Tudo o que Vale a Pena Preservar 229
Capítulo 20 - Não Abotoe o Casaco Ainda..... 239

INTRO

No arquivo cinematográfico, o silêncio nunca era completo. Mesmo depois que a sala de consulta fechava e as luzes da sala de projeção eram apagadas, alguma coisa continuava funcionando atrás das paredes: a ventilação, um relógio antigo, os canos do aquecimento e, às vezes, o estalo metálico de algum equipamento esfriando. Eu gostava daquele horário. Não precisava responder a perguntas sobre códigos de catalogação, não ouvia os telefonemas da secretaria e podia passar algumas horas fingindo que aquele lugar inteiro era só meu.

Naquela noite, eu tinha algo mais importante para fazer do que organizar mais um lote de fichas de catálogo. Na tela do computador estava aberto o formulário de solicitação de financiamento para um ciclo de exibições que eu vinha preparando havia três meses. Queria reunir curtas-metragens mudos do acervo de Łódź, não de acordo com datas ou nomes de diretores, mas em torno de lugares que estavam desaparecendo da cidade: pátios internos, fábricas, pequenas estações ferroviárias, salões de dança. Cada sessão teria sua própria narrativa, e eu queria, pela primeira vez, ser responsável por toda a programação, não apenas pelas descrições, pelos envelopes e pelas decisões dos outros. No campo "coordenação", escrevi meu nome. Fiquei olhando para ele por mais tempo do que seria razoável.

O prazo terminava no dia seguinte, às nove da manhã. Ainda faltavam algumas frases na justificativa e um orçamento que continuava sem fechar. Eu já estava com o formulário de envio aberto quando ouvi, vindo dos fundos, o som de alguma coisa metálica sendo arrastada. Fiquei

imóvel, com os dedos suspensos sobre o teclado. Àquela hora, não deveria haver ninguém lá.

Peguei uma lanterna e desci até o depósito próximo à antiga sala de projeção. Sobre a mesa havia um caixote que eu nunca tinha visto antes. Era estreito, revestido de madeira escura, com cantoneiras de latão e uma etiqueta colada com tanto cuidado que parecia ter sido feita para resistir a mais meio século. Nela constava o número de um fundo documental que eu não reconhecia, acompanhado de uma observação: material sem título. O caixote devia ter chegado naquele mesmo dia, mas ninguém havia deixado qualquer informação para mim.

Passei o dedo pela camada de poeira. Sob ela apareceu um risco fino, como uma marca feita com a unha. Eu conhecia aquele tipo de embalagem. Lá dentro poderia haver uma película, documentação ou bobinas vazias, mas a maneira como tudo estava protegido sugeria que alguém, em algum momento, considerara o conteúdo digno de cuidados especiais. Abri o registro de recebimentos no tablet de serviço. A anotação era sucinta: "material cinematográfico, doação particular, para verificação". Sem nome do doador. Sem descrição. Sem relatório sobre o estado de conservação.

— A senhora não deveria abrir isso sozinha.

A voz veio de trás de mim. Virei-me bruscamente, e o facho da lanterna atravessou a escuridão até parar sobre um homem parado na porta. Ele vestia um casaco escuro, aberto apesar do frio, e carregava uma bolsa de couro com ferramentas. Não parecia alguém que tivesse se perdido. Parecia, antes, um homem que sabia havia muito tempo aonde estava indo e não tinha o hábito de explicar sua presença.

— E o senhor não deveria entrar no depósito sem avisar — respondi.

Por alguns instantes, ficamos nos olhando em silêncio. Ele não sorriu, mas alguma coisa em seu rosto sugeria que estava se divertindo. Tinha olhos tranquilos e mãos de alguém acostumado a trabalhar com precisão. Notei pequenas manchas de graxa no punho de sua camisa antes de conseguir me lembrar de que não pretendia conhecer ninguém naquela noite.

— Roch Kania. Conservação de equipamentos e películas — apresentou-se, colocando a bolsa sobre uma parte livre da mesa. — Recebi uma mensagem sobre o caixote.

— Eu não recebi.

— Não é a primeira vez que uma informação chega aqui na ordem errada.

Ele disse aquilo sem ironia. Como se estivesse descrevendo um defeito que poderia ser consertado, desde que alguém parasse de fingir que ele não existia. Não gostei de perceber que, imediatamente, tive vontade de responder com algo igualmente preciso.

— Sou Ina Brzoza. Sou responsável pelo registro e pela catalogação dos materiais. Enquanto não houver um relatório, o caixote permanece fechado.

— Concordo. Mas, antes que alguém o abra, precisamos verificar as condições de armazenamento e o estado da embalagem. Se houver nitrocelulose lá dentro, a pressa não será uma boa ideia.

Ele não elevou a voz nem tentou tirar de mim o direito de decidir. Ainda assim, sua observação soou como uma correção acrescentada ao meu planejamento sem que ninguém tivesse pedido minha autorização. Olhei para o

caixote e depois para a tela do tablet. O registro não trazia sequer uma informação sobre o tipo de suporte. Ele tinha razão, mas eu não pretendia facilitar as coisas para ele.

— Nesse caso, peço que prepare suas recomendações. Amanhã de manhã.

— Amanhã de manhã pode ser tarde demais se o caixote esteve armazenado em condições inadequadas antes de chegar aqui.

— E, se começarmos a agir sem documentação, teremos um problema muito maior do que o próprio caixote.

Dessa vez, ele sorriu de verdade, brevemente, como se apreciasse o fato de eu não ter cedido apenas porque ele havia adotado um tom profissional. Colocou as luvas ao lado da bolsa e examinou a etiqueta sem tocá-la.

— Não estou propondo que o abramos. Estou propondo que o examinemos juntos e registremos tudo o que for possível descobrir sem violar os lacres.

"Juntos" soou surpreendentemente natural. Como se trabalhar lado a lado fosse a solução mais óbvia, embora, poucos minutos antes, eu nem soubesse que ele existia. Pensei no formulário que continuava aberto na tela, no campo vazio do orçamento e no fato de que, no dia seguinte, eu apresentaria minha própria programação à diretoria. Não queria que o projeto de outra pessoa voltasse a consumir o tempo que eu estava tentando recuperar para mim.

— Ainda tenho outra coisa para terminar hoje — falei.

— Estou vendo.

Segui seu olhar. O formulário continuava aberto no tablet, e ao lado dele estava uma cópia impressa do meu

cronograma. Ele não tentou ler os detalhes. Bastou um olhar para entender que não tinha encontrado um depósito vazio, mas interrompido a noite de alguém que já tinha seus próprios planos.

— Não pretendo prendê-la aqui — disse ele. — Mas este caixote não vai esperar por uma ocasião melhor.

Não havia pressão em suas palavras. E era justamente por isso que ficava mais difícil ignorá-lo. Ele poderia simplesmente cumprir sua tarefa, deixar as recomendações comigo e ir embora. Em vez disso, esperava, deixando espaço para que eu decidisse. Percebi que não me olhava de cima, embora tivesse mais conhecimento do que eu sobre o problema que acabara de surgir entre nós. Aquilo era raro. E irritantemente atraente.

Apaguei a tela do tablet, mas não o guardei na bolsa. O formulário ainda poderia esperar mais alguns minutos. Não a noite inteira, nem até o dia seguinte, apenas alguns minutos. Era o tempo que eu podia ceder sem abrir mão dos meus próprios planos.

— Vamos examinar o caixote — decidi. — Sem abrir e sem experiências por conta própria. Tudo será registrado.

— Combinado.

Ele estendeu a mão, mas não para exigir um aperto. Apenas apontou para a lanterna, cuja luz começava a enfraquecer.

— A senhora tem pilhas extras?

— Na gaveta, perto da entrada.

— Ótimo. Tenho o hábito de trabalhar com uma iluminação que não apaga no meio de uma frase.

— E eu tenho o hábito de não confiar em pessoas que tentam corrigir meus planos logo no primeiro encontro.

— Sensato — respondeu ele. — Então não confie em mim. Apenas verifique se estou certo.

Fui buscar as pilhas, sentindo que minha noite, tão cuidadosamente organizada, acabara de mudar de forma. Eu ainda não sabia o que havia dentro daquele caixote nem por que alguém havia entregado ao arquivo um filme sem título e sem identificação do doador. Sabia apenas que Roch Kania não pretendia fingir que tudo poderia ser feito do meu jeito, e eu não pretendia entregar a ele o comando. Quando voltei, ele estava ao lado da mesa, esperando, sem tocar em nada.

Meu formulário continuava aberto. Meu plano ainda me pertencia. E, mesmo assim, pela primeira vez em muito tempo, pensei que talvez nem toda mudança de direção precisasse significar uma perda de controle. Será que eu conseguiria deixá-lo participar daquele momento inesperado sem, com isso, lhe entregar o direito de decidir o caminho por mim?

Capítulo 1 - A imagem que não constava no catálogo

Na manhã seguinte, cheguei ao arquivo vinte minutos antes do início do expediente. Não porque tivesse passado a gostar de acordar cedo de repente, mas porque queria examinar a documentação do caixote antes que Roch aparecesse. Na noite anterior, havíamos conseguido elaborar uma descrição preliminar da embalagem, medir suas dimensões e verificar as marcações visíveis. Não o abrimos. Conforme combinado, deixamos os lacres intactos, e eu registrei a observação de que seria necessário realizar uma avaliação conjunta do estado de conservação do material.

Enquanto tomava meu café, reli todas as informações disponíveis. Doação particular. Material cinematográfico. Sem título. Sem nome do doador no formulário básico. No campo referente ao histórico do objeto, alguém havia escrito apenas: "encontrado durante a organização de dependências de serviço". Era muito pouco para considerar a documentação completa, mas o suficiente para dar início ao procedimento de verificação.

Às oito e meia, uma pasta com os documentos de transferência apareceu sobre minha mesa. Quem a trouxe foi Marta, diretora do arquivo, que havia anos conseguia reconhecer meu descontentamento pela maneira como eu colocava a caneta sobre a mesa.

— Estou vendo que nossa nova encomenda já conseguiu irritar você.

— Ainda não. Estou dando uma chance a ela.

— Sensato. Dizem que é algo interessante.

Abri a pasta e examinei as primeiras páginas. A transferência havia sido acertada com uma pessoa particular, cujo nome a administração conhecia, mas os funcionários não tinham acesso aos dados completos de contato na documentação. Também não havia uma descrição detalhada do conteúdo. Encontrei, porém, um anexo referente à utilização planejada do material nas atividades do arquivo. Mencionava a possibilidade de organizar uma exibição pública depois da conclusão da avaliação técnica e histórica.

— Você sabe quem é o doador? — perguntei.

— Sei que o diretor cuidou da parte burocrática. Pelo que disseram, a família estava organizando o apartamento de um parente falecido.

— E ninguém pensou em perguntar de onde veio o filme?

— Acho que foi justamente por isso que recebemos esta pasta.

Não fiquei satisfeita, mas não podia negar que ela tinha razão. No arquivo, muitas vezes começávamos com informações incompletas. Nossa tarefa era descobrir o que realmente havia nas coleções, não nos ressentir com as pessoas por não saberem todas as respostas.

Às nove horas, Roch entrou na sala de trabalho com um copo de café e uma bolsa de ferramentas. Dessa vez, não estava com o casaco aberto. Tirou-o perto da porta e pendurou-o no cabide, como se já soubesse desde o início que ficaria ali por mais tempo.

— Bom dia — disse ele.

— Bom dia. Preparei a documentação.

— E eu trouxe os equipamentos para avaliar a embalagem. Parece que nós dois somos bem organizados.

— Não se acostume. Pode ter sido um caso isolado.

Ele me lançou um olhar acompanhado de um sorriso que nem tentou esconder. Depois colocou a bolsa sobre a mesa e retirou alguns instrumentos de medição. Não fazia nada apressadamente. Organizava as ferramentas numa sequência determinada, verificando o estado de cada uma, enquanto eu o observava por alguns instantes antes de voltar aos documentos.

Havia algo em seu modo de trabalhar que despertava minha confiança, embora eu ainda não estivesse disposta a admitir isso. Ele não tentava impressionar com seus conhecimentos. Não me bombardeava com termos técnicos. Simplesmente sabia o que precisava fazer e não fingia saber mais do que os dados disponíveis permitiam concluir.

— Antes de começarmos — falei -, precisamos combinar como vamos documentar o trabalho.

— Estou ouvindo.

— Toda intervenção no material será registrada. Não tomaremos decisões sobre limpeza, reparos ou projeção sem uma avaliação conjunta. Não alteraremos a ordem dos elementos caso encontremos mais de um. E não faremos nenhum teste no original sem uma justificativa adequada.

— De acordo.

— Assim, sem mais nada?

— Preferia que eu discutisse com você?

— Preferiria que não precisássemos discutir mais tarde.

— Então temos um interesse em comum.

Assinamos o protocolo de início dos trabalhos. Em seguida, transferimos o caixote para a estação de trabalho preparada. O ambiente era fresco, equipado com iluminação adequada e aparelhos que permitiam controlar as condições de trabalho. Durante alguns minutos, examinamos a superfície da embalagem, as cantoneiras e os pontos de junção. Roch indicava os locais que precisavam de atenção, enquanto eu registrava os resultados.

— Aqui há uma marca de abertura anterior — observou ele, apontando para uma das barras metálicas.

— Não vejo nenhum rompimento do lacre.

— Não há agora. Mas alguém pode ter retirado esta peça anteriormente.

Examinei o local com mais atenção. De fato, um dos parafusos apresentava um pequeno arranhão. Não parecia ter sido causado por acaso.

— Vamos acrescentar isso à descrição — decidi. — Sem tirar conclusões que não podemos comprovar.

— Era exatamente essa resposta que eu esperava.

— Não sei se deveria me sentir elogiada.

— Deveria se sentir mais tranquila. É muito mais útil.

Depois de concluir a avaliação preliminar, pudemos passar à abertura do caixote. Documentamos cada etapa separadamente. Os lacres foram sendo removidos lentamente, enquanto eu verificava se surgiam sinais de danos. Dentro havia duas latas metálicas, embrulhadas em papel e separadas por uma camada de material macio. Ao lado delas, havia um pequeno envelope.

Não havia nome escrito nele. Apenas uma anotação manuscrita: "Para o filme".

— Interessante — comentei.

Roch não estendeu a mão para pegar o envelope.

— Primeiro as latas. Vamos ver o que temos.

Seguindo o procedimento, avaliamos as marcações e o estado dos recipientes. Uma das latas estava vazia. Na outra havia um rolo de filme cujas inscrições não permitiam determinar com precisão a data nem o tipo de material. Não parecia ser uma cópia contemporânea. A inscrição na etiqueta estava parcialmente apagada, mas ainda era possível identificar algumas letras e números.

— Vinte e oito? — perguntei.

— É possível. Mas eu ainda não registraria isso na documentação como data de produção.

— Não pretendo fazer isso.

— Ótimo. Estou começando a gostar desta colaboração.

— Cuidado. Ainda não decidimos se ela vai durar mais do que até o meio-dia.

Quando preparamos a estação para continuar a avaliação, Roch verificou o estado das perfurações e das bordas da película. Não a tocava diretamente: trabalhava com luvas e utilizava ferramentas apropriadas. Eu lia as inscrições e as comparava com os catálogos disponíveis. Depois de algum tempo, ficou claro que não conseguíamos associar o material a nenhum dos fundos documentais catalogados.

— Não está em nossos bancos de dados — falei.

— Isso, por si só, não é nenhuma surpresa.

— Obrigada pelo consolo.

— Não estava tentando consolar você. Só quis dizer que a ausência de um registro não significa que o filme seja desconhecido.

Olhei para ele com mais atenção.

— O que você quer dizer?

— Talvez tenha sido guardado fora de uma instituição. Talvez alguém tenha feito uma cópia que nunca chegou a ser catalogada. Talvez as marcações se refiram a um proprietário anterior, e não ao local de produção.

— Ou talvez seja um material que não possamos identificar.

— Também é possível.

Ele não tentava impor uma interpretação. Gostei disso mais do que deveria.

Nos minutos seguintes, conseguimos determinar que a película continha material mudo e tinha uma duração que permitiria preparar uma exibição curta, embora a decisão final ainda dependesse da verificação do rolo inteiro. Antes de prosseguirmos com os outros procedimentos, voltamos ao envelope. Dentro dele havia uma única folha com uma frase breve: "Não separar da imagem".

Li aquelas palavras duas vezes.

— Isso não é uma descrição técnica — observei.

— Mas pode ser uma pista sobre a origem.

— Ou um pedido pessoal de alguém.

— Nesse caso, vale a pena preservá-lo junto com o material.

— Claro.

Coloquei a folha em uma capa protetora apropriada e fiz um registro separado. Eu não sabia por que alguém havia considerado tão importante manter aquele pedaço de papel junto ao filme. Também não sabia se ele tinha significado histórico ou apenas emocional. Não pretendia descartá-lo só porque ainda não conseguia explicar sua presença.

À tarde, já tínhamos uma visão preliminar da situação. O material precisava de exames adicionais, mas nada indicava que seu estado impossibilitaria o trabalho. Foi justamente então que voltei ao assunto que ocupava meus pensamentos desde a manhã.

— Gostaria de propor uma exibição — falei.

Roch levantou os olhos de suas anotações.

— Já?

— Não amanhã. Nem na próxima semana. Gostaria de preparar uma proposta e apresentá-la à direção. O filme encontrado poderia fazer parte de um programa dedicado aos lugares desaparecidos de Łódź.

— Ainda não sabemos o que ele contém.

— Por isso estou falando de uma proposta, não de uma sessão pronta.

— E se o material não estiver em condições de ser projetado?

— Nesse caso, mudaremos a forma de apresentação. Podemos mostrar trechos da documentação e falar sobre o processo de identificação.

— Não gostaria que tratássemos o filme como um pretexto para organizar um evento antes de descobrirmos o que realmente temos.

Senti que a conversa estava tomando outro rumo.

— Não estou tratando-o como um pretexto.

— Não estou dizendo que você esteja fazendo isso. Só estou dizendo que precisamos ter cuidado.

— Eu sei qual é o trabalho de um arquivo, Roch.

— Não duvido. Mas, se planejarmos uma exibição, alguém começará a esperar uma data concreta. E ainda nem sabemos se temos um material seguro para trabalhar.

— Não pretendo prometer uma data de projeção sem a avaliação técnica.

— Então, do que você precisa de mim?

A pergunta foi feita com tranquilidade, mas não me deixou espaço para respostas vagas.

Tirei da pasta uma cópia impressa do meu projeto. Ainda não pretendia mostrá-lo à direção, mas considerei que Roch deveria saber por que eu queria tanto evitar que o filme acabasse como mais um objeto anônimo no depósito.

— Estou trabalhando em um programa que pretende contar a história de Łódź por meio de imagens de lugares que já não existem. Não quero outra exibição composta por fragmentos aleatórios de cinejornais. Quero criar algo que faça sentido para as pessoas que vivem aqui. Este filme pode se encaixar na proposta, se o conteúdo confirmar nossa hipótese inicial.

Ele examinou as páginas em silêncio. Não tentou apressar a leitura nem pulou trechos. Parou na descrição de uma das sessões planejadas.

— Este é o seu projeto?

— Sim.

— Foi você quem preparou tudo?

— Desde o começo.

— E pretende apresentá-lo?

— Amanhã.

Ele me devolveu as folhas.

— Nesse caso, entendo por que você está com tanta pressa.

Não disse que minha ideia era boa. Não garantiu que tudo daria certo. Simplesmente reconheceu que eu tinha um motivo que não pretendia desconsiderar.

— Mas continuo achando que não devemos definir uma data para a exibição — acrescentou.

— Eu não pedi uma data.

— Então peço apenas uma coisa: antes de apresentarmos este filme ao público, vamos permitir que ele nos conte primeiro o que realmente contém.

Olhei para ele. Não havia condescendência em sua voz. Havia responsabilidade profissional, que não terminava simplesmente quando uma tarefa era executada. E havia algo mais, difícil de definir. Uma espécie de paciência que faltava a muitas pessoas com quem eu trabalhava.

— Tudo bem — respondi. — Mas eu também tenho uma condição.

— Estou ouvindo.

— Não vamos adiar a decisão indefinidamente. Estabeleceremos um cronograma de avaliação e depois apresentaremos à direção possibilidades concretas.

— Parece razoável.

— Não se acostume.

Dessa vez, ele riu baixinho.

Quando estávamos terminando o trabalho, registrei as próximas tarefas no cronograma e indiquei os prazos que não pretendia ultrapassar. Roch concordou com a maioria deles, mas parou com a caneta em um dos itens.

— Isso eu não posso prometer.

— Por quê?

— Porque não sei se estarei disponível nessa data.

— Você tem outros trabalhos?

— Tenho algumas coisas que preciso resolver.

Não desenvolveu o assunto. Eu não tinha motivo para insistir, embora sua resposta tivesse soado mais pessoal do que eu esperava.

Fechei a pasta.

— Nesse caso, vou marcar essa data como pendente de confirmação.

— Obrigado.

— Não agradeça. É apenas organização do trabalho.

— Às vezes, organizar o trabalho é a parte mais difícil de todo o projeto.

Quando ele saiu da sala, fiquei mais alguns instantes junto à mesa. Olhei para a lata vazia, para o papel com a frase manuscrita e para o projeto que apresentaria à direção no dia seguinte. Três assuntos diferentes que, inesperadamente, tinham acabado lado a lado.

Eu ainda não sabia que história o filme escondia. Mas sabia que Roch Kania não era o tipo de homem que concordava com tudo apenas para evitar conflitos. E talvez fosse justamente por isso que eu queria que ele voltasse ao arquivo no dia seguinte.

Capítulo 2 - As condições da colaboração

No dia seguinte, meu projeto passou pela primeira avaliação. Não recebi autorização para colocá-lo em prática, mas Marta considerou que a ideia merecia ser apresentada à comissão de programação. Eu ainda precisava aperfeiçoar o orçamento e indicar materiais específicos que poderiam fazer parte do ciclo. O filme encontrado era uma das possibilidades, embora eu não pretendesse basear todo o projeto nele.

Depois da reunião com a direção, voltei à sala de trabalho com o caderno cheio de observações. A mais importante dizia respeito ao cronograma. Se quisesse inscrever o programa na próxima etapa, precisaria apresentar uma lista preliminar dos materiais e das pessoas responsáveis por seu estudo. Isso significava que minha colaboração com Roch precisava assumir uma forma mais concreta.

Encontrei-o na sala técnica. Estava verificando um dos projetores antigos que seria utilizado nos testes. Permanecia inclinado sobre o equipamento, com as mangas dobradas até os cotovelos. Sobre a mesa ao lado, as ferramentas estavam organizadas com tanta precisão que parecia que cada uma tinha seu próprio lugar reservado.

— Tem um minuto? — perguntei.

— Depende. É sobre o projetor ou sobre alguma coisa que pode esperar?

— Sobre nossa colaboração.

Ele colocou a ferramenta de lado.

— Isso parece mais sério do que o projetor.

— Porque é. Preciso definir em que condições vamos trabalhar no filme.

— Pensei que já tivéssemos definido.

— Definimos as regras para manusear o material. Não estabelecemos o escopo das responsabilidades, os prazos nem a maneira de tomar decisões.

— Tem razão.

Ele indicou uma cadeira perto da mesa. Sentei-me, enquanto ele fechava a carcaça do projetor e afastava as ferramentas. Não tentou fingir que aquela conversa era menos importante do que o trabalho que havia interrompido. Era um detalhe pequeno, mas eu o apreciei.

Tirei do caderno o documento que havia preparado.

— Gostaria que trabalhássemos em três etapas. Primeiro, uma avaliação completa do estado da película e a documentação. Depois, a identificação do conteúdo, a comparação com os materiais disponíveis e a investigação de possíveis fontes. Por último, a decisão sobre a forma de apresentação, caso ela seja possível.

— Parece bom.

— Você fica responsável pela avaliação técnica, eu pela documentação arquivística e histórica. Elaboraremos as conclusões em conjunto.

— De acordo. Mas tenho mais uma observação.

— Claro.

— Não quero que partamos do princípio de que esse material precisa chegar à tela. Se descobrirmos que é mais seguro nos limitarmos à apresentação da documentação, precisamos ter essa possibilidade.

— Não vou arriscar o original por causa de uma exibição espetacular.

— Nesse caso, não temos problema.

— Temos um. Os prazos.

Empurrei o documento na direção dele. Havia marcado as datas das próximas avaliações e o prazo previsto para a apresentação do relatório preliminar. Roch leu tudo e, em seguida, parou na última página.

— Aqui está escrito que a decisão sobre a utilização do material cabe ao coordenador do programa.

— Ou seja, a mim.

— Exatamente. E se minha avaliação técnica for negativa?

— Nesse caso, não utilizaremos a película para projeção.

— Mesmo que isso signifique mudar todo o programa?

— Mesmo assim.

Durante alguns instantes, ele me observou atentamente, como se quisesse verificar se eu estava respondendo apenas para encerrar a conversa. Não desviei o olhar.

— Tudo bem — disse finalmente. — Era isso que eu queria ouvir.

— Tem mais alguma objeção?

— Não a esse documento. Mas tenho minha própria condição.

— Estou ouvindo.

— Quero ter acesso a toda a documentação do material, não apenas às fichas de avaliação técnica. Se encontrarmos alguma coisa que possa mudar a maneira como devemos lidar com a película, preciso saber.

— Isso é óbvio.

— Nem sempre.

Não respondi imediatamente. Sabia ao que ele estava se referindo. Em algumas instituições, os funcionários técnicos recebiam apenas uma parte das informações, aquela considerada necessária para executar o serviço. O arquivista decidia o restante, e o conservador não deveria fazer perguntas. Nunca considerei esse um modo sensato de trabalhar.

— Você terá acesso a todas as informações sobre o material que estiverem disponíveis na documentação. Se surgirem dados que exijam alguma restrição de acesso, trataremos disso separadamente. Não vou esconder nada de você só porque não diz respeito diretamente ao estado da película.

— Tudo bem.

Ele assinou o documento. Assinei ao lado do nome dele. Oficialmente, já éramos a equipe responsável pela avaliação do filme encontrado.

Durante o restante da manhã, trabalhamos na estação de análise. Roch preparou uma lista dos parâmetros técnicos, enquanto eu organizei a documentação da transferência. Descobri que um dos anexos continha uma informação sobre o local onde o caixote havia sido guardado antes de chegar ao arquivo. Tratava-se de uma dependência particular na cidade de Łódź, mas sem endereço exato.

— Isso pode nos ajudar — falei.

— A determinar as condições de armazenamento?

— E a história do objeto. Se soubermos o local, podemos tentar descobrir se o material fazia parte de alguma coleção local.

— E se não houver nenhuma informação adicional?

— Então continuaremos procurando.

Roch olhou para mim com uma expressão levemente divertida.

— Você é sempre tão teimosa?

— Só quando alguém faz perguntas desnecessárias.

— Isso explica algumas coisas.

— Que coisas?

— Por enquanto não vou dizer. Não quero estragar nosso primeiro dia de colaboração oficial.

Tentei manter a expressão séria, mas não consegui muito bem.

Ao meio-dia, fizemos uma pausa. Normalmente, eu almoçava na minha mesa, porque o trabalho no arquivo tinha a particularidade de sempre apresentar alguma coisa mais urgente do que o almoço. Dessa vez, Roch sugeriu que saíssemos para tomar um café. Não falou de um jeito que sugerisse que eu não tinha escolha. Simplesmente perguntou se eu tinha tempo.

— Tenho meia hora — respondi.

— É suficiente.

— Depende da velocidade com que você toma café.

— Mais devagar do que trabalho.

Saímos do prédio e seguimos em direção a uma pequena cafeteria que eu conhecia do caminho para o trabalho. Estava frio, mas não chovia. A rua ainda estava molhada por

causa da chuva da manhã, e os carros deixavam rastros acinzentados de água pelo asfalto. Łódź tinha um tipo especial de luz em novembro. Mesmo ao meio-dia, a cidade parecia estar se preparando para o fim do dia.

Roch caminhava ao meu lado sem tentar impor seu ritmo. Primeiro, conversamos sobre trabalho. Ele perguntou havia quanto tempo eu trabalhava no arquivo, e respondi que tempo suficiente para saber que nem tudo podia ser organizado em um catálogo.

— E por que justamente filmes? — perguntou.

— Porque neles podemos ver coisas que ninguém considerou importantes o bastante para descrever.

— Como o quê?

— Pessoas esperando em um ponto de ônibus. Alguém olhando pela janela. Uma criança correndo por um pátio. Às vezes, a coisa mais importante dentro do enquadramento não é aquilo que a pessoa que está filmando pretendia mostrar.

— Então você se interessa pelo que acontece por acaso.

— Interessa-me aquilo que permanece depois que o contexto original desaparece.

— É uma especialidade um tanto perigosa.

— Por quê?

— Porque podemos começar a inventar uma história para cada detalhe.

Olhei para ele.

— E você não faz isso?

— Tento não confundir aquilo que sei com aquilo que gostaria de saber.

Disse isso sem qualquer ironia. Havia algo tranquilo em sua voz que me fez esquecer, por um instante, a resposta que eu já tinha preparado. Percebi que ele falava de seu trabalho com mais carinho do que seria de esperar de alguém que passava os dias consertando equipamentos e avaliando o estado de películas.

— Você trabalha com projetores há muito tempo? — perguntei.

— Tempo suficiente para deixar de tratá-los como simples máquinas.

— E como você os trata?

— Como equipamentos capazes de devolver às pessoas algo que elas já não podem ver de nenhuma outra maneira.

Sorri.

— Isso soa quase romântico.

— Não exagere. Ainda estamos falando de mecânica, luz e um pedaço de película.

— Mesmo assim, você consegue falar disso de outro jeito.

— Você também.

Paramos diante da cafeteria. Por alguns instantes, nenhum de nós se dirigiu à porta. Roch olhou para mim, e percebi que a conversa estava deixando de tratar exclusivamente do filme. Não havia nada insistente naquele momento. Apenas a consciência de que ambos tínhamos percebido alguma coisa que não precisava ser nomeada imediatamente.

Lá dentro, escolhemos uma mesa perto da janela. Pedi um café preto, enquanto ele escolheu um espresso e um